DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: INOVAÇÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICA

SONIA ALVES SALGADO

RESUMO
A inovação na docência universitária é essencial para formar profissionais críticos e autônomos, exigindo metodologias ativas, uso de tecnologias e capacitação docente, apesar dos desafios estruturais e resistência à mudança. O objetivo desta pesquisa é analisar os desafios e as possibilidades da inovação na docência universitária, explorando práticas pedagógicas que promovam um ensino mais dinâmico, interativo e alinhado às demandas contemporâneas, tendo para tal a realização dessa pesquisa com base na análise bibliográfica de 09 artigos científicos. Sendo que a docência no ensino superior exige mais do que domínio técnico, demandando formação pedagógica contínua, inovação metodológica e um equilíbrio entre ensino, pesquisa e extensão para promover uma educação crítica, dinâmica e socialmente relevante, podemos então concluir que a docência no ensino superior está em transformação, enfrentando desafios como a falta de formação pedagógica dos docentes, mas também sendo impulsionada por novas metodologias, tecnologias e a busca por um ensino mais dinâmico, crítico e conectado com as demandas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Inovação pedagógica, pedagogia universitária, prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

A docência no ensino superior tem passado por profundas transformações nas últimas décadas, impulsionadas pelas mudanças nas demandas do mercado de trabalho, pelos avanços tecnológicos e pelas novas concepções pedagógicas que valorizam o protagonismo do estudante. O papel do professor universitário, antes centrado na transmissão de conteúdos, precisa ser ressignificado para atender às exigências de um mundo cada vez mais dinâmico e interconectado. Nesse cenário, a inovação e a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas tornam-se fundamentais para garantir um ensino significativo, capaz de formar profissionais críticos, autônomos e preparados para os desafios contemporâneos.

A necessidade de inovação na docência universitária se torna ainda mais evidente diante da diversidade de perfis dos alunos e da crescente utilização de tecnologias no ambiente acadêmico ensino tradicional, baseado em aulas expositivas e na passividade do estudante, tem sido gradativamente substituído por abordagens ativas, que promovem maior interação, participação e engajamento dos alunos. Metodologias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), sala de aula invertida e gamificação são algumas das estratégias que têm sido adotadas para tornar o processo educacional mais dinâmico e alinhado às necessidades do século XXI. Entretanto, a implementação dessas inovações pedagógicas enfrenta desafios significativos. Um dos principais entraves é a formação docente, uma vez que muitos professores universitários não possuem preparação específica em pedagogia e metodologia do ensino superior. Grande parte dos docentes ingressa na carreira acadêmica a partir de sua formação técnica e científica, sem receber orientações sobre práticas didáticas inovadoras. Além disso, fatores estruturais, como currículos rígidos, excesso de carga horária e resistência a mudanças, dificultam a adoção de novas abordagens de ensino.

Outro aspecto relevante é a necessidade de adaptação ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na educação superior. A pandemia da COVID-19 acelerou a digitalização do ensino e evidenciou tanto as potencialidades quanto as limitações do ensino remoto e híbrido. Nesse sentido, os professores universitários enfrentam o desafio de integrar essas ferramentas de forma eficaz, garantindo a qualidade da aprendizagem e evitando que a tecnologia seja apenas um recurso complementar sem impacto real no processo educacional.

Além das dificuldades, há também grandes perspectivas para a docência no ensino superior. A valorização de práticas interdisciplinares, o incentivo à pesquisa e à extensão

universitária e a promoção de uma educação mais inclusiva são caminhos promissores para a evolução do ensino superior. O desenvolvimento profissional contínuo dos docentes, por meio de capacitações e formação pedagógica, pode contribuir para a construção de um ambiente acadêmico mais inovador e alinhado às transformações sociais e tecnológicas.

Dessa forma, este estudo propõe uma reflexão sobre os desafios e as possibilidades da inovação na docência universitária, analisando práticas pedagógicas que possam favorecer a construção de um ensino mais dinâmico, interativo e significativo. Ao compreender e enfrentar os desafios impostos pela contemporaneidade, os professores poderão desempenhar um papel ainda mais relevante na formação de profissionais preparados para atuar em um mundo em constante evolução.

DESENVOLVIMENTO

A docência no ensino superior exige não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades pedagógicas e reflexivas que muitas vezes não são contempladas na formação acadêmica inicial. A universidade, tradicionalmente voltada para a excelência científica, tem negligenciado o ensino, relegando-o a segundo plano. Nesse contexto, Sordi (2019) enfatiza a importância de as instituições promoverem apoio estruturado aos docentes, por meio de formação continuada e espaços de aperfeiçoamento pedagógico, reconhecendo o ensino como uma prática tão essencial quanto a pesquisa. A formação docente no Brasil ocorre em meio a tensões decorrentes das mudanças sociais e políticas, relacionadas à globalização, que impactam a produção, gestão e socialização do conhecimento, como afirmam Rivas et al. (2024). Isso exige que a universidade se reinvente, equilibrando sua função crítica com as exigências do mercado, sem perder seu compromisso com a transformação social.

É evidente que há uma carência de formação pedagógica específica entre os docentes universitários, o que compromete a qualidade da prática pedagógica. Segundo Rodrigues et al. (2023), a falta de habilidades pedagógicas adequadas dificulta a construção de uma relação efetiva entre professores e alunos, uma vez que muitos docentes, apesar de sua sólida formação acadêmica, não conseguem tornar o conhecimento acessível e significativo. A valorização excessiva da produção científica, em detrimento da educação, tem sido um dos fatores que alimenta essa lacuna. Gritti et al. (2023) ressaltam que a docência no ensino superior deve ser vista como uma mediação qualificada do conhecimento, exigindo não apenas competências técnicas, mas também didáticas e relacionais, alinhadas à transformação do ensino em um processo de aprendizagem significativa.

Além disso, a predominância de modelos tradicionais de ensino, centrados no professor e na transmissão expositiva do conteúdo, tem dificultado a inovação pedagógica. Emmel e Krul (2017) apontam que, apesar da crescente inclusão das tecnologias no ensino, muitas universidades ainda operam com estruturas ultrapassadas, o que limita a eficácia do processo educativo. A pandemia, conforme Rivas et al. (2024), intensificou essa realidade, impondo uma abordagem tecnocêntrica que muitas vezes negligencia uma reflexão crítica sobre o papel das tecnologias no ensino. Esse cenário exige uma mudança nas políticas institucionais, que devem priorizar a formação pedagógica e o uso reflexivo das tecnologias, conforme sugerido por Omitto et al. (2018), para garantir que os docentes possam integrar essas ferramentas de maneira significativa no processo de ensino-aprendizagem.

A formação continuada é essencial para que os professores possam se adaptar às novas exigências educacionais e integrar metodologias ativas, que promovem maior participação e protagonismo dos alunos. Rodrigues et al. (2023) destacam que, para além da utilização de tecnologias, é preciso que os docentes se engajem em processos de formação permanente, que possibilitem uma reflexão crítica sobre suas práticas pedagógicas. A adoção de metodologias ativas é vista como um caminho para superar as limitações do ensino tradicional, como evidenciam Marques et al. (2021), ao associar essas metodologias a melhores resultados de aprendizagem e maior envolvimento dos alunos. Tais metodologias exigem do professor não apenas o domínio do conteúdo, mas

também a capacidade de ser facilitador da aprendizagem, promovendo um ambiente colaborativo e participativo.

O sistema educacional brasileiro, muitas vezes fragmentado e segmentado entre ensino, pesquisa e extensão, precisa ser repensado para que a universidade possa cumprir sua missão de formar cidadãos críticos e reflexivos. Emmel e Krul (2017) destacam a importância de uma abordagem integrada, que permita a articulação entre essas dimensões de forma a proporcionar uma formação mais ampla e transformadora. No entanto, a carência de apoio institucional à formação pedagógica, aliada à ênfase na produção científica, contribui para a manutenção de um modelo de ensino fragmentado e desarticulado. Ribeiro e Santos (2020) alertam que a sobrecarga de responsabilidades e a falta de capacitação pedagógica contribuem para a desmotivação dos professores, comprometendo a qualidade do ensino.

A construção da identidade docente é um processo contínuo, e a formação inicial não é suficiente para enfrentar os desafios do ensino superior. Segundo Karpinski (2018), é fundamental que as universidades invistam em políticas institucionais de formação continuada, que incentivem o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e a reflexão crítica sobre a docência. A universidade, portanto, deve repensar seus currículos de formação docente, priorizando não apenas o domínio técnico, mas também a capacidade de mediar o conhecimento de maneira inclusiva, crítica e contextualizada. O investimento em formação pedagógica e a criação de espaços colaborativos para o desenvolvimento profissional são fundamentais para garantir que os docentes possam atender às novas demandas educacionais.

Por fim, é imprescindível que as universidades não percam de vista seu papel social e sua responsabilidade em formar indivíduos críticos, preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. A renovação do ensino superior exige a superação do modelo expositivo e a adoção de metodologias mais participativas, que incentivem a reflexão e o protagonismo dos alunos, como defendem Marques et al. (2021). Para isso, é essencial que os docentes recebam suporte contínuo e que a instituição como um todo esteja comprometida com a qualidade do ensino, a inovação pedagógica e a inclusão de práticas reflexivas no processo educativo.

DISCUSSÃO

A docência no ensino superior está em um momento de transformação radical, impulsionado por um conjunto de fatores que redefinem os paradigmas educacionais. O avanço das tecnologias, a constante evolução das metodologias pedagógicas e as exigências de um mercado de trabalho em constante mudança exigem que as universidades repensem suas práticas de ensino, tornando-as mais alinhadas com as novas demandas sociais e profissionais. Nesse cenário, o papel do professor universitário tem deixado de ser exclusivamente o de transmissores de conteúdos, para se tornar mediador, facilitador e estimulador da aprendizagem ativa. Essa mudança de paradigma busca promover uma formação mais holística, crítica e interativa, que prepare os alunos para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo, tanto em nível profissional quanto pessoal.

No entanto, essa transição para um ensino mais centrado no estudante e mais dinâmico encontra obstáculos consideráveis. O mais significativo desses desafios é a deficiência na formação pedagógica dos docentes, que, embora altamente especializados em suas áreas de conhecimento, muitas vezes não possuem a preparação adequada para aplicar abordagens pedagógicas inovadoras e eficazes. Historicamente, a formação acadêmica dos professores no ensino superior tem dado primazia à produção científica e ao aprofundamento técnico de suas áreas de expertise, enquanto a capacitação didática e pedagógica foi deixada em segundo plano. Como resultado, muitos docentes, mesmo sendo altamente qualificados, não têm a experiência ou as ferramentas necessárias para adaptar suas práticas de ensino às exigências das novas metodologias e tecnologias educacionais. Por isso, é fundamental investir em programas de formação continuada, que ofereçam aos docentes não só a possibilidade de se atualizar sobre as inovações pedagógicas, mas também a oportunidade de refletir criticamente sobre suas próprias práticas e estabelecer redes de co-

laboração interinstitucionais que favoreçam a troca de experiências e o aprimoramento contínuo.

A adoção de metodologias ativas de aprendizagem, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a sala de aula invertida e a gamificação, se destaca como uma alternativa eficaz para promover um ensino mais dinâmico, envolvente e focado no desenvolvimento de habilidades práticas. Essas abordagens estimulam o protagonismo do aluno, tornando-o responsável por sua aprendizagem, ao mesmo tempo que favorecem a construção do conhecimento de maneira colaborativa e interdisciplinar. A implementação dessas metodologias, porém, exige mais do que apenas uma vontade de inovar. É necessário um planejamento cuidadoso, suporte institucional adequado e, sobretudo, a adaptação das estruturas curriculares, que, em muitas universidades, ainda são rígidas e resistem a mudanças. O currículo tradicional, muitas vezes voltado para a acumulação de conteúdo, precisa ser reestruturado para permitir maior flexibilidade e a incorporação de novas formas de ensino, que promovam a autonomia do estudante e estimulem a reflexão crítica. A resistência às inovações didáticas por parte de alguns setores das universidades é um desafio adicional, que precisa ser enfrentado com coragem e estratégia, para que a transformação educacional seja efetiva e duradoura.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) também desempenham um papel central nessa transformação. A pandemia de COVID-19 foi um divisor de águas, acelerando a digitalização do ensino superior e destacando tanto as suas potencialidades quanto os seus desafios. As ferramentas digitais, quando usadas de forma estratégica, podem ampliar as possibilidades de aprendizagem, oferecendo recursos que favorecem a personalização do ensino e o acesso a materiais e fontes de informação diversificadas. Contudo, a simples adoção de tecnologias não é suficiente para garantir uma melhoria na qualidade do ensino. É necessário que as universidades adotem uma abordagem pedagógica crítica e reflexiva em relação ao uso dessas ferramentas, garantindo que elas sejam aplicadas de maneira a realmente enriquecer o processo educativo. A utilização das TDICs deve ser pensada como parte de um projeto pedagógico maior, que leve em conta as especificidades dos alunos e os objetivos de aprendizagem. A personalização da educação, por exemplo, pode ser um dos grandes benefícios da tecnologia, permitindo que os estudantes aprendam em seu próprio ritmo e de acordo com seus estilos de aprendizagem individuais. No entanto, para que isso seja possível, é preciso um planejamento pedagógico adequado e uma formação continuada dos docentes para que possam utilizar essas tecnologias de maneira eficaz.

Outro ponto de relevância é a necessidade de equilibrar as três dimensões fundamentais do ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. Muitas universidades, especialmente nas últimas décadas, priorizaram a produção acadêmica e a pesquisa científica em detrimento da qualidade do ensino. Esse desequilíbrio tem comprometido a formação integral dos estudantes, que acabam recebendo uma educação muito voltada para o academicismo, sem uma conexão direta com as demandas do mundo real e com as necessidades da sociedade. A integração das três dimensões do ensino superior – ensino, pesquisa e extensão – é essencial para que as universidades cumpram seu papel social de formar cidadãos críticos, éticos e preparados para os desafios da contemporaneidade. Para que isso aconteça, é necessário repensar as diretrizes institucionais, criando políticas que incentivem a integração entre essas áreas e incentivem a aplicação do conhecimento gerado na pesquisa e na extensão no contexto do ensino.

A valorização da docência é, sem dúvida, um dos aspectos mais críticos desse processo de transformação. Para que os docentes possam cumprir seu novo papel de mediadores da aprendizagem, é necessário que sejam reconhecidos e apoiados institucionalmente. Isso implica em políticas de incentivo à formação pedagógica, em programas de mentoria para novos professores e na revisão das condições de trabalho dos docentes, que frequentemente enfrentam uma sobrecarga de atividades, dividindo seu tempo entre ensino, pesquisa e atividades administrativas. Essa sobrecarga de funções não só compromete a qualidade do ensino,

como também dificulta a implementação de novas práticas pedagógicas. Além disso, é fundamental que haja uma mudança na cultura organizacional das universidades, para que a inovação pedagógica seja vista como uma prioridade institucional. Isso envolve uma revisão dos sistemas de avaliação, que muitas vezes privilegiam a produção acadêmica em detrimento das inovações pedagógicas, e uma maior valorização do trabalho docente nas suas dimensões pedagógicas.

Por fim, é imprescindível que as instituições de ensino superior adotem estratégias concretas para promover a inovação pedagógica, criando condições favoráveis para que os docentes possam se capacitar continuamente e aplicar novas metodologias de ensino. Isso não significa apenas a adoção de novas tecnologias ou abordagens didáticas, mas uma reestruturação profunda da própria cultura acadêmica, que valorize a docência como uma área de saber autônoma e de grande importância para a sociedade. A educação superior tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais crítica, inclusiva e preparada para os desafios do futuro, e para que esse papel seja cumprido com êxito, é essencial que as universidades adotem práticas pedagógicas inovadoras, estruturadas e capazes de transformar a realidade educacional. Para que isso aconteça, é necessário que as universidades invistam na valorização da docência, criando uma estrutura de apoio e incentivo ao desenvolvimento pedagógico, e reconhecendo o ensino como uma parte fundamental da missão institucional. Dessa forma, a educação superior poderá, de fato, cumprir seu papel social, formando profissionais capacitados e cidadãos críticos e reflexivos, prontos para transformar o mundo à sua volta.

CONCLUSÃO

A docência no ensino superior está atravessando uma fase de transformações significativas, que refletem as mudanças tecnológicas, pedagógicas e as novas exigências do mercado de trabalho. Este processo de transformação exige não só um reposicionamento do papel do professor universitário, mas também uma reconfiguração das práticas educacionais, que devem ser mais dinâmicas, interativas e capazes de promover uma formação mais profunda e crítica. O professor, que antes se via como o transmissor do conhecimento, assume agora a função de facilitador da aprendizagem, um papel que busca fortalecer a autonomia do aluno e a aplicação de seu aprendizado de maneira contextualizada e reflexiva. Esse novo perfil de docente exige uma preparação contínua, que leve em consideração não apenas as competências técnicas da área de atuação, mas também as habilidades pedagógicas necessárias para lidar com um estudante mais ativo e exigente, cada vez mais conectado e inserido em um mundo em constante mudança.

No entanto, essa transição para um modelo educacional mais centrado no aluno e nas metodologias ativas esbarra em diversos obstáculos, sendo o mais significativo a deficiência na formação pedagógica dos docentes. Durante muito tempo, o sistema educacional superior tem se concentrado no aprimoramento da formação científica e técnica dos professores, com pouca ou nenhuma ênfase no desenvolvimento de suas competências pedagógicas. Essa lacuna tem gerado uma desconexão entre o domínio do conteúdo acadêmico e a habilidade de transmiti-lo de forma eficaz e engajante para os alunos. Portanto, o investimento em formação continuada para os docentes é fundamental, pois proporciona as ferramentas e o suporte necessários para que eles possam se atualizar em relação às novas práticas pedagógicas e às tecnologias educacionais emergentes. Além disso, é necessário criar espaços de reflexão e de troca de experiências, dentro das próprias instituições de ensino superior, que favoreçam o desenvolvimento de uma comunidade acadêmica mais colaborativa e preparada para lidar com os desafios contemporâneos do ensino.

A implementação de metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a sala de aula invertida e a gamificação, tem mostrado grande potencial na promoção de um ensino mais dinâmico e participativo. Essas abordagens não só incentivam o protagonismo do aluno, mas também favorecem o desenvolvimento de competências críticas e criativas, essenciais para que os estudantes possam se adaptar a um mundo em constante transformação. No

entanto, a transição para essas metodologias exige mais do que apenas uma mudança de abordagem didática. Exige também um esforço institucional para revisar currículos, criar estruturas de apoio e superar a resistência a inovações pedagógicas que ainda existe em algumas áreas das universidades. Portanto, as universidades precisam de um planejamento estruturado e de um suporte contínuo para implementar com eficácia essas metodologias, garantindo que todos os docentes tenham acesso ao treinamento adequado e às ferramentas necessárias para aplicá-las de maneira eficiente.

Outro ponto crucial para a transformação do ensino superior é a integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) ao processo educativo. A pandemia de COVID-19 acelerou a digitalização do ensino, obrigando as universidades a adotarem plataformas digitais para a continuidade das atividades acadêmicas. No entanto, a simples utilização dessas tecnologias não é suficiente para promover uma mudança real no ensino. É preciso que as TDICs sejam integradas de forma crítica e reflexiva ao currículo, de maneira a enriquecer o processo de aprendizagem, e não apenas como um "adendo" à educação tradicional. A tecnologia tem um papel fundamental na personalização do ensino, no incentivo à colaboração e no desenvolvimento de habilidades digitais essenciais para a formação dos estudantes. Portanto, a implementação das TDICs deve ser planejada cuidadosamente, com foco na melhoria dos resultados educacionais e no fortalecimento da aprendizagem ao longo da vida.

Além disso, é imperativo que as universidades encontrem um equilíbrio adequado entre ensino, pesquisa e extensão, integrando essas três dimensões de maneira que se complementem. Embora a produção acadêmica e a pesquisa sejam de extrema importância para o avanço do conhecimento, a ênfase excessiva nesses aspectos pode prejudicar a qualidade do ensino, deixando-o distante das realidades sociais e profissionais. As universidades precisam, portanto, repensar suas diretrizes institucionais e promover uma maior articulação entre essas áreas, para que o ensino superior seja mais contextualizado, inclusivo e alinhado com as necessidades da sociedade. A integração de ensino, pesquisa e extensão não só fortalece a formação dos alunos, como também contribui para o desenvolvimento de soluções práticas e inovadoras para os problemas sociais contemporâneos.

A valorização da docência é um aspecto fundamental para garantir que todas essas transformações sejam bem-sucedidas. É imprescindível que as instituições de ensino superior reconheçam e apoiem o trabalho dos professores, criando políticas de incentivo à capacitação pedagógica e revisando as condições de trabalho para reduzir as sobrecargas administrativas. Os professores devem ter tempo e espaço para se dedicar ao desenvolvimento de suas competências pedagógicas, além de receberem o reconhecimento adequado por suas contribuições ao ensino. A implementação de programas de mentoria para novos docentes, por exemplo, pode ser uma forma eficaz de garantir que os professores iniciantes recebam o apoio necessário para enfrentar os desafios dessa nova realidade educacional. Além disso, a mudança na cultura organizacional das universidades é necessária para que a inovação pedagógica seja valorizada e considerada um elemento central da missão institucional.

Em conclusão, a educação superior está em um momento crucial de transição, no qual as instituições devem adotar estratégias eficazes para promover a inovação pedagógica e garantir que os docentes possam desempenhar seu papel de maneira excelente. Para que as universidades cumpram sua missão de formar cidadãos críticos, éticos e preparados para os desafios do futuro, é necessário que o ensino superior seja estruturado de forma a promover um aprendizado de qualidade, que vá além da simples aquisição de conteúdo. Isso exige uma revalorização da docência, o investimento em formação continuada, o fortalecimento da colaboração entre ensino, pesquisa e extensão, e o uso estratégico das tecnologias digitais. Apenas assim será possível formar profissionais mais capacitados e cidadãos mais conscientes, preparados para contribuir de forma significativa para a sociedade. Portanto, a transformação do ensino superior não

deve ser vista como um fim, mas como um processo contínuo e dinâmico, que busca sempre aprimorar as práticas pedagógicas e garantir que a educação superior tenha um impacto real e duradouro na sociedade e no futuro das novas gerações.

REFERÊNCIAS

EMMEL, R; KRUL, AJ. A docência no ensino superior: reflexões e perspectivas.

Revista brasileira de ensino superior, 2017. Disponível em:<https://www.academia.edu/105020725/A_doc%C3%AAncia_no_ensino_superior_refle x%C3%B5es_e_perspectivas.> Acesso em: 10 mar 2025.

GRITTI, A; et al. Os desafios da docência no ensino superior. Revista educação em foco, ed. 15, p. 136-144, 2023.

KARPINSKI, R. A docência no ensino superior: desafios atuais. Edipucrs, Porto Alegre, 2018. Disponível em:<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/288.pdf.> Acesso em: 10 mar. 2025.

MARQUES, HR; et al. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Avaliação, Campinas, v. 26, n. 3, set/dez 2021. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/aval/a/C9khps4n4BnGj6ZWkZvBk9z/>. Acesso em: 10 mar 2025.

OMITTO, MB; et al. Inovação no ensino superior: formação docente e práticas pedagógicas. Porto Alegre: Edipucrs, 2018. Disponível em: < https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre//anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/278.pdf.> Acesso em: 10 mar 2025

RIBEIRO, EN; SANTOS EA. Os desafios da docência na educação superior. Editora Realize, 2020. Disponível em:<https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook1/TRABALHO_EV140_ MD7_SA100_ID5762_11092020151703.pdf> Acesso em: 10 mar 2025

RIVAS, NP; et al. Formação docente na educação superior: desafios e perspectivas interdisciplinares. Realize editora, 2024. Disponível em: < https://editorarealize.com.br/editora/anais/endipe/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV20 8_MD1_ID629_TB549_09102024215401.pdf.> Acesso em: 10 mar. 2025.

RODRIGUES, MV; et al. Desafios e perspectivas contemporâneas da docência universitária. Revista de FT, v. 27, e. 129, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-docencia-no-ensino-superior-realidade-e-desafios/.> Acesso em: 10 mar. 2025.

SORDI, MR. Docência no ensino superior: interpelando os sentidos e desafios dos espaços institucionais de formação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 75, p. 135-154, mai./jun. 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/er/a/FqhqcdzddyYScYqDg5p3vGR/ > Acesso em: 12 mar 2025